



GRUPO C



Camisa 7 iguala marcas de Ronaldo, Rivaldo, Romário e Jairzinho; garoto Rayan brilha na ponta e Neymar volta a jogar após 981 dias. Seleção aguarda por Japão ou Holanda na fase de 16 avos na segunda-feira

Viniland!

MARCOS PAULO LIMA
ENVIADO ESPECIAL

Miami — A Flórida é o paraíso dos parques temáticos. Neste verão na América do Norte, nenhum se compara à Viniland. Aos 25 anos, Vinicius José Paixão de Oliveira Junior criou um mundo para chamar de seu na Copa do Canadá, Estados Unidos e México e garantiu o fast pass do Brasil à fase de 16 avos com um tributo a lendas do futebol brasileiro.

O camisa 7 encerra a fase de grupos com quatro gols. Balançou a rede de todos os adversários: Marrocos, Haiti e Escócia. A Seleção não testemunhava um feito como esse desde a edição de 2002. A dupla de ataque formada por Ronaldo e Rivaldo marcou contra a Turquia, a China e a Costa Rica na campanha do penta. Antes deles, somente Romário, em 1994, e Jairzinho, o Furacão do tricampeonato, conseguiram o feito, como mostrou o **Correio** na quarta-feira na apresentação da partida em Miami.

A Viniland tem brinquedos assustadores. Um deles atende pelo nome de Rayan. A cria do Vasco, vendida ao Bournemouth, tem 19 anos. E daí? Fez travessuras com o experiente lateral-esquerdo Andy Robertson, de 32. Tirou o doce da boca do veterano ao roubá-la e passou para Vinicius Junior começar a incendiar o parquinho no Hard Rock Stadium.

Nova atração na Viniland de Carlo Ancelotti, Rayan entregou altíssimo nível na função do lesionado Raphinha. Gerou lances na direita, um setor sacrificado com as perdas de Vanderson, Wesley, Rodrygo e Estêvão antes da contusão do camisa 11.

Carlo Ancelotti gosta de Vini na esquerda desde o início da relação

com ele no Real Madrid, mas a modernidade cobra maleabilidade tática. Vinicius Junior deslocou-se para o meio para pressionar Hendry. Tomou-lhe a bola e colocou-a na rede. No entanto, o polêmico juiz mexicano Cesar Ramos dirigiu-se ao VAR e anulou. Viu falta. A infração que ele não viu em Miranda no lance do gol de empate da Suíça na estreia do Brasil na Copa de 2018. Do pênalti ignorado em Gabriel Jesus naquela mesma partida.

A Escócia ensaiou agredir, mas o Brasil a tratou como velha freguesa. Antes do duelo desta quarta-feira, o retrospecto apontava 10 confrontos: oito vitórias do Brasil e dois empates. Em processo de reconstrução, o lado direito do ataque verde-amarelo continuou surpreendendo. Danilo e Matheus Cunha se aproximaram de Rayan. O cerco fez com que a bola chegasse a Bruno Guimarães. O volante cruzou na medida para Vini usar a cabeça e dançar conforme a música: a ensurdecidora gaita de fole, uma tradição escocesa.

A tormenta da defesa adversária com Vini continuou no segundo tempo. O camisa 7 saiu na cara do gol no começo da etapa final, mas não caprichou no arremate. Gunn evitou o terceiro do Malvadeza. Como a Seleção joga com o freio de mão travado, mesmo quando abre uma confortável vantagem por 2 x 0, a Escócia começou a dar estocadas explorando o meio da defesa do Brasil. Exatamente como fez Marrocos na primeira partida.

Insaciável, a torcida do Brasil demandava mais diversão. Depois de clamar por Endrick contra o Haiti, ensaiou pelo menos duas vezes o pedido de “Neymar”. Carlo Ancelotti mantinha o camisa 10 da Viniland fechada para os usuários. Coube a uma arrancada do falso 10, Bruno Guimarães, a assistência para Matheus Cunha aumentar

para 3 x 0. O terceiro dele na Copa do Mundo. Os outros dois foram na sexta passada contra o Haiti.

Além de Vini, da bela exibição de Rayan e das assistências de Bruno Guimarães e do combo de dedicação tática e precisão na finalização de Matheus Cunha, o goleiro Alisson deu segurança à Viniland. O questionado camisa 1 fez pelo menos três defesas importantes e fechou o gol para a Escócia. Ele também havia sido providencial na etapa final contra o Haiti. Depois de sofrer gol em seis jogos seguidos, a defesa do Brasil acumulou dois intacta.

Aos 30 minutos, Carlo Ancelotti ouviu a voz de metade do Brasil. Depois de 981 dias sem jogar pela Amarelinha desde a contusão contra o Uruguai nas Eliminatórias em 2023, o camisa 10 entrou no lugar de Matheus Cunha, saudado pelos súditos. O italiano cumpriu a previsão de dar alguns minutos ao astro curado da lesão de grau 2 na panturrilha direita.

Considerada um trem fantasma no início da Copa, a Seleção começa a ter cara de time. Primeira colocada do Grupo C, aguarda pela definição do segundo colocado do E para saber quem enfrentará no próximo dia 29, segunda-feira, às 14h, em Houston, pela fase de 16 avos. Devido ao fuso-horário, a partida contra Holanda ou Japão será às 12h no Texas.

Enquanto o Brasil aguarda pela definição do adversário nesta quinta-feira, recomenda-se formar fila na Viniland à espera da próxima atração. O dono da mítica camisa 7 de Mané Garrincha no bi em 1962, de Jairzinho no tri em 1970 e de Bebeto no tetra em 1994 deseja mais do que a artilharia. Cobiça o hexacampeonato para coroar o protagonismo à altura de Messi, Mbappé e Haaland na fase de grupos da Copa do Mundo.

Camisa sete é o quinto brasileiro a marcar nos três primeiros jogos do Mundial

Robert Carmona/Getty Images/AP

Chandan Khanna/AFP



Substituto de Raphinha, Rayan caiu como uma luva na ponta-direita

Chandan Khanna/AFP



Depois de quase três anos, Neymar Jr. voltou a vestir a Amarelinha

Patricia de Melo Moreira/AFP



Matheus Cunha está cada vez mais consolidado como titular no ataque